

**IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES**

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

A CASA DE MARLENE: A POÉTICA DE UMA FOTOINSTALAÇÃO

MARLENE'S HOUSE: THE POETRY OF A PHOTOINSTALLATION

Suely da Silva Nascimento
PPGArtes/CA/UFGPA

RESUMO

Este artigo apresenta parte da pesquisa “A casa de Marlene”, que desenvolvo no Doutorado Acadêmico em Artes, da Universidade Federal do Pará. Um projeto de experimentação artística de uma fotoinstalação com fotografias, vídeos, sons e aromas. Escrevo, ainda, sobre experimentações que tenho realizado em sala de aula, para perceber as possibilidades de fotoinstalações.

PALAVRAS-CHAVE

poética, fotografia, fotoinstalação

ABSTRACT

This article presents part of the research “A casa de Marlene”, which I develop at the Academic Doctorate in Arts, at the Federal University of Pará. A project of artistic experimentation of a photo installation with photographs, videos, sounds and aromas. I also write about experiments that I have done in the classroom, to understand the possibilities of photo installations.

KEYWORDS

poetics, photography, photo installation



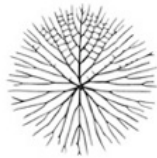
Figura 1: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2011
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

“A casa onde eu nasci, embora já não seja minha, permanece intacta em mim, como a escultura de uma caravela em uma garrafa: uma casa dentro da memória. Nunca mais foi como aquele, o cheiro de lençóis limpos, nem o aroma das comidas, a música das vozes amadas [...], nunca mais a mesma sensação de acolhimento, nunca mais pertencer a nada com tanta certeza.” (LUFT, 2002)

Um lugar onde a minha mãe morava e cuidava com amor. Onde ela viveu com os meus avós, os meus tios. Onde ela morou com o meu pai e criou e educou as cinco filhas. Uma delas sou eu. Seus netos também percorreram seus amplos cômodos. Esse lugar era a sua casa (Figura 1).

E tudo era bem do jeitinho dela. Imergi, então, em um saudoso ensaio fotográfico. “Encontrou-se o ‘mundo’ do artista: o seu modo de pensar, viver e sentir, a sua concepção de mundo e seu posicionamento frente à vida”, escreve Pareyson (2001, p. 57).

Uma arqueologia de pequeninas alegrias familiares, materializada por uma moradia, e emprestadas a uma instalação, é o processo de criação artística de doutorado. Um toque que será dado em um ambiente em que se revolva essa memória física e sentimental plena de sons, aromas e histórias que compuseram a preservação dessa morada chamada de lar, o lar onde vivi com minha mãe.



A realidade que eu conhecera já não existia. [...] Os lugares que conhecemos não pertencem sequer ao mundo do espaço, onde os situamos para maior facilidade. Não passam de uma delgada fatia em meio às impressões contíguas que formavam nossa vida de então; a recordação de uma certa imagem não é mais que a saudade de um determinado instante. (PROUST, 2012, p. 197)

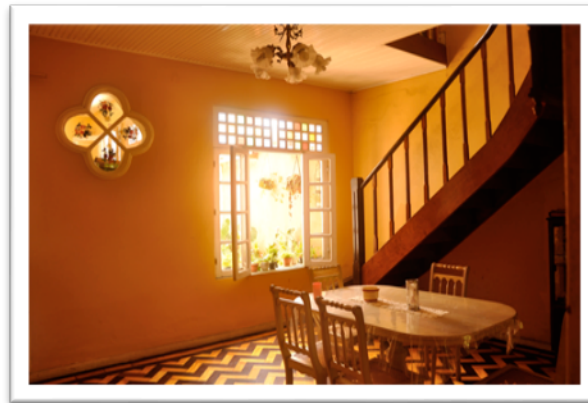


Figura 2: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2011
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

Este processo artístico que iniciei em 2011 e finalizei em 2014, fotografando (Figura 2) e filmando a casa da minha mãe, capturando sons do lugar e do burburinho da família e escrevendo memórias vivenciadas nesse ambiente, levei à academia em 2015, quando me matriculei como aluna especial do PPGArtes; e em 2016, para o mestrado. Nesses momentos, envolvida na linha de pesquisa 1, de “Poéticas e processos de atuação em artes”, foi um “processo de elaboração artística por meio das articulações próprias à pesquisa acadêmica” (MELLO, 2015, p. 52)

A partir da entrada para esse espaço de estudo, passei a enveredar por leituras que me tocam o coração e as lembranças; e fazem refletir sobre o meu processo artístico. Gonçalves (2009), em seu artigo “Um argumento frágil”, diz que na academia, o artista-pesquisador enfrenta o desafio de pensar em sua criação e identificar um caminho que possa melhor acomodá-la. Como também ressalta Brites e Tessler (2002):



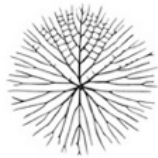
Parece paradoxal, mas nós, pesquisadores, raramente nos satisfazemos com os resultados encontrados em uma primeira investigação. Estamos sempre tentando ir um pouco mais além daquilo que já conseguimos estabilizar, digamos assim, em nosso espírito inquieto. No campo das artes visuais, temos, constantemente, muitos elementos para ver, ouvir, falar, fazer, experimentar, enfim. E preciso criar, permanentemente, espaços de interlocução, onde é possível organizar o aparente caos, mantendo a interdisciplinaridade, a inovação e o rigor das propostas. O forte vínculo entre o pensar e o fazer, configura toda a estrutura necessária para que a informe matéria das ideias encontre campo de pouso e ação. (BRITES E TESSLER, 11, 2002, p. 11)

Pelo percurso do doutorado, sigo com autores que acompanharam os meus pensamentos e sentimentos no mestrado. As minhas leituras literárias também continuam agregadas ao processo de reflexão e de enriquecimento desta pesquisa.



Figura 3: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2014
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

Costumo me transportar para o universo da casa de minha mãe ao contemplar as fotografias, os vídeos e os áudios que produzi nesse território afetivo, além dos escritos que fiz sobre as lembranças e as emoções desse lar materno. Lendo Barthes (1981), percebo que “a fotografia me dava um sentimento tão seguro quanto a lembrança” (Figura 3).



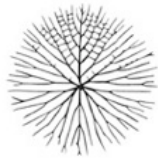
E, com essas imagens em cor, os sons dos áudios, os vídeos e os escritos estou desenvolvendo um memorial e a experimentação de criar uma instalação em um ambiente que está sendo pensado e escolhido nessa caminhada do doutorado. Nesta poética, é evidente que a fotografia é a expressão maior, principalmente pelo caminho que venho trilhando desde que conheci mais de perto esta forma de estar no mundo, em 1996. No entanto, nesta pesquisa continuada, também tenho potencializado as outras formas de expressão que criei durante o processo criativo no interior da casa de minha mãe. E acrescento à pesquisa, Arantes (2014): “Fotografia em campo expandido incorpora, neste sentido, a ideia do diálogo, das contaminações e intersecções do campo da fotografia com outros campos da linguagem e do saber.” Além de Krauss (2018):

A ampliação do campo que caracteriza este território [...] possui dois aspectos [...]. Um deles diz respeito à prática dos próprios artistas; o outro, à questão do meio de expressão. Em ambos, as ligações das condições do modernismo sofreram uma ruptura logicamente determinada. Com relação à prática individual, é fácil perceber que muitos dos artistas em questão se viram ocupando, sucessivamente, diferentes lugares dentro do campo ampliado. (KRAUSS, 2018, p. 136)

Penso que, por meio das imagens que capturei ao longo de cerca de três anos, essa ampliação ocorra naturalmente. Há uma conversa entre si da fotografia, do áudio, do vídeo e do escrito. E os sentidos - visão, audição, paladar, olfato e tato – participam dessa expansão. Permitem a captação das imagens, dos sons, dos sabores, dos aromas e dos toques, garantindo uma percepção de todo o ambiente e de cada detalhe que vai integrar esse lugar.

Provocar uma sinestesia, com “muitas sensações simultâneas” (BASBAUM, 2012, p. 246). Sensações do olhar, ao apreciar uma fotografia e ao ler um escrito; de ouvir, um ruído da chuva banhando as plantas do quintal; de sentir o gosto de um café com leite; e o de sentir o toque de uma pequena imagem impressa em papel fotográfico. Sensações simultâneas.

Além de refletir sobre como materializar essa ideia. Experimentar uma combinação entre esses documentos de meu processo criativo que apresente um poético e



delicado passeio a esse mundo das memórias afetivas, um passeio pela casa de Marlene, minha mãe.

“O desejo do artista pede uma recompensa material. Sua necessidade o impele a agir, gerando um processo complexo de materialização, no qual todas as questões que envolvem essas tendências, discutidas até aqui, interferem continuamente. O propósito é, desse modo, transformado em ação. A concretização é uma ação poética, ou seja, uma operação sensível ampla no âmbito do projeto do artista.” (SALLES, 1998, p. 52).

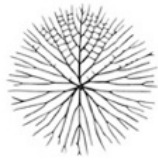


Figura 4: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2013
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

Pretendo desenvolver projeto poético e montagem de fotoinstalação multimídia, com imagens-vídeos-sons-escritos. Um espaço em que se possa sentir esses fragmentos da pesquisa. Onde registros fotográficos da casa emerjam do grande banco de imagens da pesquisa. Onde, ouçamos ruídos da casa, capturados por gravador ou pela própria câmera fotográfica, Onde, se leiam escritos de momentos vivenciados nesse lar.

Além de utilizar outros documentos de registro afetivo da casa. A finalidade, ainda, é a de pensar e a de refletir sobre o meu próprio percurso da arte.

E, também, ler sobre processo artístico, fotografia, instalação, instalação multimídia, arte contemporânea, artes visuais e espaço. A leitura, juntamente como o estudo,



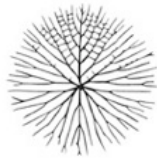
tem permitido o aprofundamento do processo de criação. Tenho me dedicado, do mesmo modo, a pesquisar processos criativos de artistas que utilizam a fotografia, o vídeo, o áudio e a escrita como elementos compositivos de suas poéticas.

Para criar a instalação, estou organizando repertórios de espaços. Para isso, desenvolvo uma edição minuciosa do banco de dados composto por fotografias (Figura 4), vídeos, sons e escritos, criados de 2011 a agosto de 2014. Em disciplinas do PPGArtes/ICA/UFPa, tenho construído algumas experimentações. Em uma, experimentei criar uma sutil ambientação do quintal da casa. Projetei uma das fotografias do quintal, que foi apreciada ao som do canto dos passarinhos que visitavam esse lugar da casa, frequentemente. Além de sentir um aroma de lavanda no ambiente. E ao longo dos semestres, vou fazendo experimentações como esta, percebendo as possibilidades do fazer, do criar.

Pretendo preparar-me para ser feita a experimentação artística visual - a foto instalação, para apresentar a pesquisa a partir do processo artístico, ao final dos estudos. Escrever o memorial com o percurso da criação da fotoinstalação e reflexões quanto ao meu jeito de fazer essa poética, também integra o objetivo.



Figura 5: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2012
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)



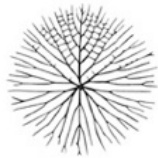
No percurso do mestrado, aprendi e apreendi que eu tenho um jeito próprio de fazer poética. Fiz à minha maneira a criação da pesquisa “Sonoro Diamante Negro”, de meados de 1990 ao início dos anos 2000, sobre o ofício do meu pai, Sebastião. E faço à minha maneira a criação da pesquisa “A casa de Marlene”. Tal constatação deve-se às aulas e às leituras de autores da “Poéticas e processos de atuação em artes”. A primeira autora a mostrar-me que tenho um jeito próprio de fazer uma poética, ressalta:

“(…) se pergunta se o artista faz ou não esboços e anotações, quais as cores de canetas usadas e quais são seus horários de trabalho. Estamos, portanto, no campo da rotina de trabalho: como e quando a obra é construída. É importante ressaltar que a ideia de método, tal como está sendo colocada, nesse primeiro momento, não está ligada ao conceito de ordem, em oposição à “bagunça”, nem à ideia de rotina rígida e fixa. É comum ver uma postura dos artistas, quase que radical, quando indagados sobre seu “método”. Enfatizam que não são organizados. Não se pode negar, no entanto, que a produção da obra vai se dando por meio de uma sequência de gestos e, ao se acompanhar um processo, vão se percebendo certas regularidades no modo de o artista trabalhar. São leis de seu modo de ação, com marcas de caráter prático. São gestos, muitas vezes, envoltos em um clima ritualístico. A própria existência dos objetos de análise da crítica genética (rascunhos, diários, anotações, cartas) é um índice da presença dessas formas pessoais e únicas de organização. Sob esse prisma, todo artista tem um método (…)”. (SALLES, 1998, p. 59-60)

Rangel (2009) reforça ainda mais o método próprio e pessoal do artista, quando escreve:

“Escolho, então, me situar no ponto de vista do artista, para o qual compreender, tornar visível e comunicável a sua poética e o processo construtivo da mesma, constitui o “método”. A cada criador corresponde uma demanda interna, e como consequência, a cada criador, e a cada processo criativo, correspondem “métodos” diferenciados. Considero que o artista é um pesquisador nato, mas no âmbito acadêmico, além da capacidade de expressar a obra, o artista precisa sentir-se estimulado a discorrer sobre os seus próprios “métodos”. (RANGEL, 2009, p. 99)

Dessa forma, com base nesse aprendizado, e acrescentando uma frase de Lancri (2002), estou realizando a pesquisa do doutorado “do meio de uma prática, de uma vida”. E faço a construção do processo criativo acadêmico-artístico conforme o meu *modus operandi*. Fotografias (Figura 5), vídeos, áudios e escritos editados para a criação de uma fotoinstalação, que é a “materialidade” desta pesquisa. Ou o fazer de



“novos experimentos” (JUNQUEIRA, 1996, p. 553). E essa poética visual vai ser acompanhada por um memorial onde será apresentado o que tenho refletido sobre a minha própria prática em arte.

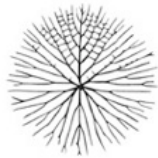


Figura 6: Suely Nascimento (1965-)
A casa de Marlene, 2014
Fotografia digital, 4288px x 2848px
Acervo pessoal, Belém (PA)

“A casa de Marlene” nasceu em mim em um tempo que ainda não tinha a ideia de que eu estava criando uma pesquisa artística. Sentia a vontade de documentar a casa de minha mãe (Figura 6) e tudo o que havia nela de material e imaterial, de lembranças e de emoções.

Quando pensei em levar o que havia criado nesse trabalho, para a academia, não tinha também a ideia de que haveria um enriquecimento do próprio processo artístico, ao folhear as obras de autores diversos relacionados à linha de pesquisa 1, de “Poéticas e processos de atuação em artes”, do PPGArtes, e entrar em contato com suas teorias, seus conceitos e suas áreas de conhecimento. O que foi constatado quando ingressei nessa instituição ainda como aluna especial, em 2015. E, em seguida, como aluna regular, de 2016 a 2018, ao vivenciar o percurso do mestrado.

Para a linha de pesquisa “Poéticas e processos de atuação em artes” e a área das artes visuais acredito que este trabalho fortalece o âmbito da poética, o fazer



artístico e seu jeito próprio do fazer. Por meio da plataforma acadêmica, “A casa de Marlene” vem saindo dos arquivos digitais e das folhas de cadernos, e sendo artesanalmente costurada. Na caminhada do mestrado, interagi com a comunidade acadêmica e com o público externo aos muros da universidade, divulgando este percurso por meio de artigos publicados, participação em congressos e demais eventos relacionados à área, o que contribuiu para a percepção do outro ao contato com essa poética. Um caminho que considero que deve ser ampliado no doutorado.

É um mergulho no material artístico, que no processo de desenvolvimento da pesquisa do mestrado permitiram tocar algumas camadas desse material. No período do doutorado essa pesquisa toma forma multifacetada e sugere outros modos de estar na casa de Marlene, na memória afetiva, nas lembranças.

“A casa de Marlene”, no ultrapassar dos muros do mestrado e entrar na área do doutorado, potencializa essa poética que mora em meu ser subjetivo e único. E a faz mais próxima não só do professor e do aluno da academia, mas principalmente do morador da cidade em que esta história foi gerada.

As experimentações que estão sendo realizadas em salas de aula, no âmbito do PPGArtes/ICA/UFPa, têm um valor notável para a minha pesquisa. A partir desses momentos, percebo e avalio as possibilidades futuras para contribuir com a fotoinstalação que vai ser apresentada no momento da finalização do doutorado em artes.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Priscila. *Fotografia em campo expandido*. In: Parallaxe - revista da PUC/SP, v. 2, n. 2, 2014, pp. 38-47.
- BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- BASBAUM, Sergio. “Sinestesia e percepção digital”. *TECCOGS: Revista digital de tecnologias cognitivas*, v. 03, 2012.
- BRITES, Blanca; TESSLER, Elida. *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: Editora da Universidade /UFRGS, 2002.
- GONÇALVES, Flávio. “Um argumento frágil”. In: *Porto Arte*, Porto Alegre: Instituto de Artes/UFRGS, v. 16, n. 27, nov. 2009.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

JUNQUEIRA, Fernanda. *Sobre o conceito de instalação*. Rio de Janeiro: Revista Gávea, n. 14, set. 1996.

KRAUSS, Rosalind. *A escultura no campo ampliado*. In: *Arteversa - revista da UFRGS*. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/artevera/?p=240>>. Acesso em: 2 abr. 2018.

LANCRI, Jean. *Colóquio sobre a metodologia*. In: *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

LUFT, Lya. "O mar respira". In: *Mar de Dentro*, Rio de Janeiro: Record, 2002.

MELLO, Ricardo Perufo. "Os caminhos da pesquisa em poéticas visuais através de uma prática pessoal em pintura". In: *Arteriais - revista do ppgartes*, Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/ICA/UFPA, n. 02, ago. 2015.

PAREYSON, Luigi. *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann*. V. 1. Disponível em: <<https://projetophronesis.files.wordpress.com/2012/06/proust-em-busca-do-tempo-perdido-1-no-caminho-de-swann.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2018.

RANGEL, Sonia Lucia. *Olho Desarmado: objeto poético e trajeto criativo*. Salvador: Solisluna Design Editora, 2009.

SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: Fapesp: Annablume, 1998.